

A INFLUÊNCIA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar a influência familiar no desenvolvimento das pessoas com deficiência. A pesquisa foi de caráter bibliográfico e se debruçou na investigação do tema, através de artigos do Portal de Periódicos Scielo que abordaram sobre o tema nos últimos 13 anos. Constatou-se- que a influência familiar no desenvolvimento dos das pessoas com deficiência altera a dinâmica familiar, consecutivamente, refletindo no desenvolvimento das pessoas com deficiência, como também, ocasionando em uma reestruturação nas vidas de todos os integrantes desta. Ressalta-se a importância do apoio familiar no desenvolvimento biopsicossocial das pessoas com deficiência, desde a notícia do diagnóstico até a reorganização da dinâmica da família. Essas adversidades podem parecer insuperáveis, no entanto, grande parte das famílias aprenderam a conviver e se adaptar a esta nova realidade. Devido a escassos estudos sobre a temática, é possível inferir, que são necessários mais estudos sobre o tema.

Palavras-Chave: desenvolvimento, família, deficiência.

Abstract

The present study aimed to analyze the family influence in the development of people with disabilities. The research was a bibliographical one and focused on the investigation of the theme, through articles from the Portal of Scielo Periodicals that approached about the theme in the last 13 years. It was pointed out that the family influence in the development of people with disabilities alters the dynamics Family, consecutively reflecting on the development of people with disabilities, as well as causing a restructuring in the lives of all members of this. The importance of family support in the biopsychosocial development of people

with disabilities is stressed, from the news of the diagnosis to the reorganization of family dynamics. These adversities may seem insurmountable; however, most families have learned to live and adapt to this new reality. Due to scarce studies on the subject, it is possible to infer, that more studies on the subject are necessary.

Keywords: development, family, disability

Introdução

A descoberta da deficiência de um filho, pode ocasionar em uma vivência traumática, que modifica, altera o nível emocional de todos os integrantes da família. A partir do diagnóstico, a família inteira, busca se reorganizar, no intuito de adaptar-se, no intuito de reconquistar o equilíbrio familiar, pois, todos os integrantes da família serão afetados.

Durante o período gestacional até o nascimento do bebê, há por parte da família uma gama de sentimentos, planos, expectativas, idealizações, quando ocorre o nascimento da criança, que são desconstruídas quando a realidade impõe uma condição diferente daquela anteriormente idealizada. O nascimento de um bebê “imperfeito”, isto é, deficiente causa um impacto emocional aos pais, e principalmente nas mães, e também à equipe de saúde responsável por noticiar o diagnóstico.

No período no qual o diagnóstico ainda não foi dado, instaura-se um sentimento de negação da deficiência do filho(a), ocasionando aos pais um tempo necessário para superar o impacto que virá a seguir. Em alguns casos, as reações emocionais iniciais dos pais e familiares, são passageiras e estabilizadoras, no entanto, para outros podem perdurar por anos ou tornarem-se duradouros.

Para os pais da criança diagnosticada com alguma deficiência, este representa a perda do filho idealizado, aquele sonhado e desejado. Desta maneira, para que o filho real, venha a existir, passe a ser aceito, acolhido é preciso que os pais e a família, vivenciem o processo de luto do filho idealizado (BARBOSA; CHAUD; GOMES, 2008). De acordo com a maneira que estes familiares processam este luto, começam a criar expectativas que vão de positivas à negativas. É importante ressaltar, que essas expectativas também podem ser influenciadas pelas explicações que constroem como causa da deficiência (BRUNHARA; PETEAN, 1998). Ou seja, na grande maioria dos casos, as mães esperam que o desenvolvimento do filho melhore ou seja normal, isto é, a incessante busca pela “milagrosa” cura. Após a passagem pelo período de luto do filho “ideal”, e adaptação à nova realidade dos familiares, emergem as expectativas diante do filho “real”, isto é, com deficiência.

Durante este processo de aceitação, por parte da família, e principalmente dos pais desta criança, a mãe, responsabiliza-se por ter gerado uma criança “defeituosa”, isto é, com deficiência. Quando uma criança com deficiência nasce, proporciona muitas complicações advindas de sentimento de culpa, rejeição, negação ou desespero, modificando a estrutura e as relações sociais da família (BLASCOVI-ASSIS, 1997).

Os filhos(a) interagem a maior parte do tempo com os pais, porém, existem outras pessoas que desempenham um importante papel no desenvolvimento global da mesma, como: a família, os irmãos, os colegas, entre outros. Para além disto, as mudanças que ocorrem no contexto da vida da criança com ou sem deficiência, podem vir a produzir fortes influências no seu desenvolvimento. Com base nestas afirmações, julga-se de extrema importância, realizar a seguinte indagação: Será que os familiares de uma criança com deficiência, podem influenciar no desenvolvimento de seu filho(a)? De maneira satisfatória ou insatisfatória?

Para o desenvolvimento deste estudo , previamente , foi feita uma pesquisa , no portal de periódicos Scielo , e foram encontrados alguns estudos , acerca da influência familiar no desenvolvimento das pessoas com deficiência(s) , como: Tornar-se pai/mãe de uma criança com transtornos graves do desenvolvimento ; Interações familiares: observação de diferentes subsistemas em família com uma criança com Síndrome de Down; Aspectos relacionais, familiares e sociais da relação pai-filho com deficiência física ; Caracterização de família de mãe com deficiência intelectual e os efeitos no desenvolvimento dos filhos; Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares . Porém, nenhum deles trouxe elementos suficientes, que pudessem embasar sobre o aspecto específico da influência familiar no desenvolvimento das pessoas com deficiência, devido a isto, e a importância de tal temática , que ocorreu a elaboração de tal artigo.

No presente trabalho, a questão da deficiência foi abordada como um todo, sem especificações, pois, acredita-se que independentemente da especificidade de cada deficiência, seja ela, física, intelectual, ou adquirida, promove impacto avassalador nas famílias nas quais são noticiadas, por isso, não foram especificadas as questões referentes as características das deficiências, no entanto, houve um enfoque na forma como as famílias processam essa informação. Com base nestes questionamentos, este trabalho tem por objetivo analisar influência familiar no desenvolvimento das pessoas com deficiência, e ou possíveis contribuições para o presente tema, para que desta maneira , seja possível proporcionar uma melhor qualidade de vida e potencializar o desenvolvimento biopsicossocial .

O levantamento dos dados desta pesquisa realizou-se mediante utilização exclusivamente da biblioteca eletrônica virtual de periódicos Scielo, no período compreendido entre 2003 e 2016. A pesquisa foi de

caráter bibliográfico e se debruçou na investigação de artigos de periódicos da Scielo, por intermédio de uma pesquisa bibliográfica, que se utilizou de uma investigação do Estado da Arte, para auxiliar na busca de artigos que venham, ao encontro do tema a ser pesquisado.

A pesquisa bibliográfica, refere-se a análise e interpretação de livros e periódicos, a leitura de documentos, manuscritos, mapas, imagens. Visa investigar as mais variadas contribuições científicas existentes sobre um tema específico. (FORTE, 2006).

O estado da arte de uma pesquisa, é uma parte muito importante da pesquisa, é a fundamentação teórica da pesquisa, busca identificar referências bibliográficas da sua investigação, isto é, define a finalidade do trabalho (JULIATTO; BORTOLOZZI, 2005).

Como não foram encontrados artigos especificamente sobre este tema, foram compilados alguns descritores, que tivessem relevância para a elaboração desta pesquisa, e possuísem em seu título e resumo, alguma das seguintes das seguintes palavras-chave: Mãe, deficiência, família. Dentre os 15 artigos encontrados, somente 4 artigos foram relevantes para o estudo. Com base nestes artigos, foi possível obter dados para a construção do presente artigo.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa com, cujo procedimento de análise foi a *Análise de conteúdo*, empregaram-se técnicas de análise categorial temática. A realização de uma análise consiste em descobrir os 'núcleos de sentido', que integram a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição poderá significar algo para o objetivo de análise (BARDIN ,2011).

Com o intuito de alcançar a um dos objetivos desta pesquisa, foram elencados três critérios de procedimentos relacionados aos artigos selecionados:

- 1) Leitura e compilação de todos os artigos disponibilizadas no periódico Scielo no período de coleta (outubro de 2016).
- 2) Identificação, nos artigos selecionados, frases/trechos extraídos dos objetivos e resultados que possam ser organizados por categorias e subcategorias.
- 3) As frases identificadas na fase anterior foram classificadas em duas categorias, mediante agrupamento em uma mesma categoria de todas as que versam sobre a mesma temática.

Resultados e Discussões

A análise dos artigos compilados, sem perder de vista os objetivos desta pesquisa, resultou nas seguintes categorias:

- a) A descoberta do diagnóstico;
- b) Expectativa familiar;
- c) A influência familiar no desenvolvimento de seus filhos(a).

A descoberta do diagnóstico

Toda família que está aguardando a chegada de um novo ser, uma criança, idealizada durante meses, anos, tendo seu futuro planejado cuidadosamente por seus pais, não espera que este projeto não venha a se realizar. Durante os nove meses de gestação, os pais e familiares, idealizam este ser que está para vir ao mundo, as características físicas, personalidade, tudo é meticulosamente, imaginado, idealizado.

A idealização corresponde a um mecanismo psicológico em que as qualidades do objeto são vistas em sua perfeição. Nesse processo, o

outro é investido de qualidades perfeitas e é engrandecido em sua importância; ele não é visto em sua integralidade, pois é visto apenas parcialmente, nos seus aspectos bons (LAPLANCHE, PONTALIS, 1988).

Pode-se dizer que o bebê pré-existe ao nascimento. A criança chega ao mundo com um lugar já demarcado pelo desejo dos pais, de maneira simbólica. Dessa maneira, ele já existe no imaginário dos pais. Por essa razão, trata-se de um bebê idealizado, pois ele é imaginado e muito investido em suas características e capacidades (LAPLANCHE, PONTALIS, 1988).

Contudo, em algumas ocasiões, este planejamento é interrompido, com a notícia do diagnóstico. Ou seja, este filho tão aguardado, não poderá desenvolver-se como as demais, pois, ele irá ao nascer necessitar de cuidados especiais. A partir desta fase, no qual existe a confirmação, por intermédio do diagnóstico noticiado pela equipe médica, ocorre a culpabilização por parte dos pais, que tentam entender a razão pela qual foram escolhidos, castigados, punidos, por “Deus”, pelo universo, isto é, todo planejamento construído no decorrer do período gestacional, não ocorrerá, e agora?

Para os familiares, e principalmente as mães, gerar um filho com deficiência, é um “fardo”, que muitas vezes impede que a mesma divida a responsabilidade pela criança, por achar que foi responsável por gerar um ser imperfeito, isto é, cabe a ela zelar e proteger seu filho do “mundo” que o cerca. Este impacto também se relaciona a frustrações de expectativas sobre o bebê que está para nascer (BASTOS, DESLANDES, 2008).

No âmbito familiar, a descoberta da deficiência de um filho, pode ocasionar em uma vivência traumática, que modifica, altera o nível emocional de todos os integrantes da família. A partir do diagnóstico, a família inteira, busca se reorganizar, no intuito de adaptar-se, no intuito de reconquistar o equilíbrio familiar, pois, todos os integrantes da família serão afetados.

Durante o período gestacional até o nascimento do bebê, há por parte da família uma gama de sentimentos, planos, expectativas, idealizações, quando ocorre o nascimento da criança, que são desconstruídas quando a realidade impõe uma condição diferente daquela anteriormente idealizada. O nascimento de um bebê “imperfeito”, isto é, deficiente causa um impacto emocional aos pais, familiares e também à equipe de saúde responsável por noticiar o diagnóstico.

A comunicação desta notícia pode representar um fator de sofrimento para os pais e familiares, como também, pode ocasionar em dificuldades por parte da equipe médica e profissional que geralmente é o responsável pela informação tão dolorosa (FERRARI, ZAHER, GONÇALVES, 2010).

No período no qual o diagnóstico ainda não foi dado, instaura-se um sentimento de negação da deficiência do filho(a), ocasionando aos pais um tempo necessário para superar o impacto que virá a seguir. Em alguns casos, as reações emocionais iniciais dos pais e familiares, são passageiras e estabilizadoras, no entanto, para outros podem perdurar por anos ou tornarem-se duradouros.

Podemos elencar alguns sentimentos que são experiências pelos pais, no processo de aceitação da deficiência. O primeiro deles, refere-se a reação inicial frente ao diagnóstico, o choque, isto é o impacto da notícia. Consecutivamente, surgem sentimentos de raiva, culpa, “porque comigo?”, “estou sendo castigado?”, estes sentimentos dependendo da aceitação da notícia, podem gerar comportamentos passivo-agressivos e superproteção, evoluir à quadros depressivos (CANHOL, NEMELL, YAMADA, 2006).

Para os pais da criança diagnosticada com alguma deficiência, este representa a perda do filho idealizado, aquele sonhado e desejado. Desta maneira, para que o filho real, venha a existir, passe a ser aceito, acolhido

é preciso que os pais e a família, vivenciem o processo de luto do filho idealizado (BARBOSA; CHAUD; GOMES, 2008). De acordo com a maneira que estes familiares processam este luto, começam a criar expectativas que vão de positivas à negativas. É importante ressaltar, que essas expectativas também podem ser influenciadas pelas explicações que constroem como causa da deficiência (BRUNHARA, PETEAN, 1998). Ou seja, na grande maioria dos casos, as mães esperam que o desenvolvimento do filho melhore ou seja normal, isto é, a incessante busca pela “milagrosa” cura. Após a passagem pelo período de luto do filho “ideal”, e adaptação à nova realidade dos familiares, emergem as expectativas diante do filho “real”, isto é, com deficiência. Após a descoberta do diagnóstico, outra questão muito importante, refere-se a expectativa projetada e idealizada pelos familiares, na figura da criança que está prestes a nascer.

Expectativa familiar

Na atualidade, culturalmente as famílias criam uma expectativa, planejamento, idealização a um filho que está prestes a nascer. Após o término da idealização, ocorre o período de desesperança e perda de expectativas, proporcionando aos pais a possibilidade de dar um novo sentido a esta nova e inesperada realidade (FRANCO, 2016).

As relações familiares ocorrem de maneiras muito diversificadas, por isso, o funcionamento é alterado, de forma geral, devido a modificação ocorrida em um membro familiar (SILVA, DESSEN, 2001). No momento em que há o nascimento de uma criança com deficiência, conseqüentemente, há uma frustração das expectativas dos pais da mesma, devido a esta situação ser incomum e inesperada. (JR., MESSA, 2007). O planejamento de vida traçado pelos pais, são desfeitos, assim como, a experiência de parentalidade que precisa ser refeita e

ressignificada. A partir disso, tanto os pais quanto os familiares, enfrentam um processo de superação, até o momento no qual, virá a aceitar a criança deficiente, propiciando um âmbito familiar adequado para a inclusão desta criança (SILVA, DESSEN, 2001).

Os pais costumam vivenciar sentimentos negativos aos receberem o diagnóstico, pois, terão que rever seus planos, relacionados a futuro do filho com deficiência, ou seja luto pelo filho “ideal”, que não irá existir, e aceitação do filho “real” com deficiência. (CANHOL, NEMELL, YAMADA, 2006).

Porém, para compreender esse filho real, diante da fragilidade em que se encontram, sentindo-se frustrados, incapacitados, perante a demanda social, subjetiva e familiar, como agir, o que fazer? (MACEDO, 2008). De um modo geral uma criança diagnosticada com alguma deficiência, não vem seguida de alegrias e felicitações, por isso, neste momento, é importante que os pais tenham apoio e atenção dos familiares, amigos, profissionais, pois, emergem muitas dúvidas no decorrer deste processo de descoberta.

A partir desta nova realidade, os pais, necessitam passar por um estágio de três fases do luto, isto é, assumir a demanda de uma criança com as suas reais características (SILVA,2009).

Nestas situações, o luto ocorre em três fases: a notícia sobre o diagnóstico, o processo de adaptação e a fase da apatia. Na primeira fase, a família, ao tomar conhecimento acerca do diagnóstico, manifesta uma reação de choque, seguida de raiva, culpabilização, negação. Na segunda fase começa-se a aceitar e compreender a deficiência. Na última, surge o desejo de não expressar os sentimentos, contudo eles estão presentes ou pelo vazio que não se sabe preencher ou pelos sentimentos de mal-estar e de culpa (GOMES, 2006).

Ao aceitarem seus sentimentos , podem vivenciar o luto pelo filho perfeito que era esperado e aceitar o filho que veio. À medida que os pais conseguem reconhecer o que ocorre em relação ao seu filho, podem mudar suas atitudes e propiciar meios para que ele cresça e se desenvolva na sua realidade (PALAMIN et al, 2014). Consecutivamente , a família ao passar por este estágio de aceitação , inicia-se uma novo período de adaptação familiar , que poderá influenciar , de modo positivo ou negativo , no desenvolvimento do filho(a) com deficiência.

A influência familiar no desenvolvimento de seus filhos(a)

As famílias após o período de idealização, luto, e aceitação do filho com deficiência, é chegado o momento no qual a família irá preocupar-se com o desenvolvimento desta criança. A família pode tornar-se uma rede de apoio ou do contrário, uma fonte impeditiva no processo de desenvolvimento de seu filho(a) , sejam deficientes ou não. As relações familiares que possuem uma dinâmica mais transacionai do que solidificada, se altera quando ocorre um acréscimo na quantidade de membros da família, acarretando em constantes processos de adaptação, fundamentais para a sobrevivência, como também, para qualidade de vida não só do filho(a) com deficiência, mas de todos os outros integrantes mãe, pai e irmãos (CHACON, 2009b).

No momento em que acontece a descoberta sobre a deficiência, de um ou mais integrantes da família, provoca diversas modificações na dinâmica familiar (OMOTE,2003). Cada membro da família desempenhará um papel singular fundamental, ressignificando valores e padrões que serão fundamentais para o desenvolvimento do filho(a) com deficiência (CHACON,2011).

Conforme as pesquisas de Silva e Aiello, (2009), a grande parcela dos pais, expressam expectativas de normalidade e desenvolvimento, não levando em consideração as especificidades de cada deficiência. Porém, é importante salientar, que algumas categorias de deficiências (física, mental, intelectual, etc.), provocam severas limitações, requerendo muito investimento afetivo, familiar, profissional e financeiro, para que haja um desenvolvimento tanto nas potencialidades da pessoa com deficiência, quanto familiar. Para que isto ocorra, a família precisa permitir e desejar que seu filho(a), experiencie os desafios e frustrações imanentes as adversidades que irão surgir, não fazendo por ele(a) aquilo que por si só o mesmo deveria experienciar (CHACON,2011).

O excesso de zelo e superproteção por parte dos familiares, prejudica o desenvolvimento das pessoas com deficiência que estão em processo desenvolvimento, aumentando e ocasionando em uma postura de mútua dependência, prejudicando a evolução biopsicossocial da pessoa com deficiência (CHACON,2007,2009a).

Inconscientemente os pais tornam-se dependentes dos filhos, geralmente assim o são, pois, não terão tempo para refletir sobre suas vidas, desta maneira, acabam estruturando uma relação de dependência recíproca (CHACON,2011).

Outro aspecto a ser destacado, refere-se ao desenvolvimento educacional das pessoas com deficiência. De acordo com Scott, (1998), a maneira como os pais educam seus filhos, têm gerado muito interesse ao poder público e aos profissionais da área da educação e saúde. Pois, existe uma grande preocupação de leis, normativas, elementos que promovam êxito no desenvolvimento educacional das pessoas com deficiência, proporcionando aos familiares subsídios suficientes pra que possam auxiliar seus filhos(a), visando que os mesmos alcancem seus potenciais e desta forma, melhorem suas condições de vida (POSTALLI; MUNUERA; AIELLO, 2011).

Contudo, este desenvolvimento pode ser prejudicado, se houverem fatores de risco na família comprometendo tanto o desenvolvimento quanto a saúde física e mental das pessoas com deficiência.

Segundo Guralnick:

Na relação entre pais e filhos, fatores de riscos podem comprometer a saúde e o desenvolvimento das crianças como: pobreza; prematuridade e baixo peso; abuso e negligência; exposição a drogas e álcool na gestação; exposição a substâncias tóxicas (GURALNICK, 1998).

Outro autor, complementa:

Ainda estão fortemente associados a problemas de comportamento e a distúrbios psiquiátricos na infância, os seguintes fatores: discórdia familiar; desvio social dos pais de natureza criminal ou psiquiátrica; desvantagem social, incluindo baixa renda; habitação inadequada e um grande número de filhos de idades aproximadas; ambiente escolar deficiente com índices elevados de rotatividade e distanciamento entre os funcionários e os alunos, além de uma grande proporção de alunos de lares economicamente desfavorecidos (COLE; COLE, 2003).

A presença dos familiares e sua implicação na educação de seu(s) filhos(a) com deficiência, desde o princípio de seu desenvolvimento, isto é, na infância, podem torná-los em adultos mais humanos e compreensivos. Uma dinâmica de uma família "saudável" e que poderá proporcionar uma boa "sustentação" aos seus integrantes, do ponto de vista psicológico se mede pela flexibilidade e troca de papéis entre seus membros, enquanto que a marca da família "insalubre" é a rigidez ou estereotipia dos papéis sociais que cada um desempenha e que, frequentemente, produz uma dependência, dificultando o envolvimento de todos e a dinâmica das relações familiares (GLAT; DUQUE, 2003, p. 15).

Considerações finais

A notícia do diagnóstico , as expectativas relacionadas ao futuro da pessoa com deficiência , altera a dinâmica familiar diferentemente para cada um dos seus membros, provocando reestruturação em suas vidas , dentre elas , . As relações familiares nas famílias com filhos deficientes, acaba sofrendo uma extrema reestruturação, emocional, logística, alguns casos financeira, pois, o mesmo necessitará de um apoio multiprofissional, assim como a mudança de planos e expectativas dos pais (JR, MESSA, 2007). As relações são muito dinâmicas e diversificadas, devido a isto, o seu funcionamento sofre alterações no instante em que um de seus membros “foge” a regra dos padrões de normalidade, isto (SILVA; DESSEN, 2001).

A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, uma vez que é através desta que se constroem pessoas adultas com uma determinada autoestima e onde estas aprendem a enfrentar e superar desafios.

Referências

ANACHE, A., A.; MITJÁNS, A., M. *Deficiência mental e produção científica na base de dados da CAPES: o lugar da aprendizagem. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, Campinas,SP, v.11, n.2, p. 253-274, jul/dez. 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBOSA, M. A M.; CHAUD, M. N.; GOMES, M. M. *Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo Fenomenológico. Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, SP, v.21, n.1, p.46-52, Jan/Fev. 2008.

BASTOS, O.M.; DESLANDES, S., F. *A experiência de ter um filho com deficiência mental: narrativas de mães. Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, RJ, v.24, n.9, p.2141-2150, set.2008.

BRUNHARA, F. C. R. & PETEAN, E. B. L. **Expectativas dos Pais Quanto ao Desenvolvimento de seus Filhos Portadores de Deficiência**. Anais do II Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento. Gramado, R.S, 1998.

CANHOL, P., G., M.; NEMELL, C., M., B.; YAMADA, M., O.A. *Vivência do pai no processo de reabilitação da criança com deficiência auditiva. Estudos de Psicologia*, Campinas, SP, v.23, n.3, p. 261-269, Jul/Set. 2006.

CHACON, M.C.M. *Aspectos relacionais, familiares e sociais da relação pai-filho com deficiência física. Revista Brasileira de educação especial*. Marília, SP, v.17, n.3 Marília Sept./Dec. 2011.

_____. DEFENDI, E.L.; FELIPPE, M.C.G.C. *A família como parceira no processo de desenvolvimento do deficiente visual*. In: MASINI, E.F.S. (Org.). *A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores*. São Paulo: Vetor, 2007, p. 131174.

_____. *A deficiência mental e auditiva no olhar dos irmãos não deficientes*. In: FUJISAWA, D.S. et al. (Org.). *Família e Educação Especial*. Londrina: ABPEE, 2009a, p. 7384.

_____. *Família e escola: uma parceria possível em prol da inclusão*. In: AMIRALIAN, L.T.M. (Org.). *Deficiência Visual: perspectivas na contemporaneidade*. São Paulo: Vetor, 2009b. p. 5770.

COLE, M.; COLE, S. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Editora Art Med, 2003.

JR., F, G, A.; MESSA, A, A. *Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. Psicologia Ciência e Profissão*, BRASÍLIA, DF, v.27, n.2, p.236-245, jun. 2007.

FORTE, S., H., Ar., C. **Manual de elaboração de tese, dissertação e monografia**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2006.

FRANCO, Vitor. *Tornar-se pai/mãe de uma criança com transtornos graves do desenvolvimento. Educar em Revista*, Curitiba, PR, v. 1, n. 59, p. 35-48, jan./mar. 2016.

GOMES, A., P. *Escola: um trampolim para a resiliência onde a adversidade é a deficiência. Saber (e) Educar*, Portugal, n. 13, p. 287-297, anual. 2008.

GLAT, R.; DUQUE, M. A. T. **Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GURALNICK, M.J. *Effectiveness of early intervention for vulnerable children: A developmental perspective. American Journal on Mental Retardation*, v. 102, Washington, U.S.A, p. 319-345, 1998.

JR, G. A. F; MESSA, A. A. *Pais, Filhos e Deficiência: estudos sobre as relações familiares. Psicologia Ciência e Profissão*. V.27. n.2. Bras. Jun. 2007.

JULIATTO, C., I.; BORTOLOZZI, F. **Um jeito próprio de investigar: a produção do conhecimento pela pesquisa**. Coleção Institucional 4, PUCPR, Editora Universitária Champagnat, Curitiba, PR, 2005.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MACEDO, P. C. M. *Deficiência Física Congênita e Saúde Mental. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Rio de Janeiro, RJ, v.11, n.2, p.127-138, dez. 2008.

OMOTE, S. *A Deficiência e a Família*. In: MARQUEZINE, M. C., et. al. (Org.). *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais*. Londrina, PR: **Eduel**, 2003. p.1518.

PALAMIN, M. et al. *A Ansiedade Materna Durante o Diagnóstico da Deficiência Auditiva: Contribuição da Intervenção Psicológica. Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, SP, v. 20, n. 4, p. 569-580, out/dez. 2014.

L.,M.,M.,POSTALLI; R.,F.,MUNUERA; A.L.,R.,AIELLO.*Caracterização de família de mãe com deficiência intelectual e os efeitos no desenvolvimento dos filhos. Revista Brasileira de educação especial*. Marília, SP,v.17, no.1, Marília, SP, Jan/Apr. 2011

SILVA, S. B.O. **Autismo e as transformações na família**. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2009.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A. *Deficiência Mental e Família: Implicações para o Desenvolvimento da Criança. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 2, pp. 133-141, 2001.